

## DROGADIÇÃO: O QUE LEMOS NA REVISTA?

*Erica Henrique Ribeiro-Andrade*<sup>2\*</sup> *Gabriela Fagundes Altoé Alberico*<sup>1</sup> *Pedro Henrique de Almeida Silva*<sup>1</sup> & *Millena Gomes Mambreu de Freitas*<sup>1</sup>

---

### RESUMO

RIBEIRO-ANDRADE, E.H.; ALBERICO, G.F.A.; SILVA, P.H.A.; FREITAS, M.G.M.; Drogadição: o que lemos na revista? **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.11, n.30, p.68-85, 2021.

A intenção desta pesquisa é o de apresentar a avaliação do perfil das informações sobre drogadição veiculadas na Revista VEJA, tentando compreender a forma de produção de subjetividades nas mesmas. Analisou-se todas revistas VEJA publicadas nos últimos três anos, compreendendo as edições de janeiro de 2016 até julho de 2019. Era fundamental que a matéria publicada apresentasse informações de qualquer tipo sobre drogas, drogadição ou estudos envolvendo substâncias químicas ilícitas. Quanto as drogas lícitas, à exceção de matérias sobre álcool e tabaco, manteve-se na amostra somente os estudos que associavam as substâncias à uma realidade de dependência. Ao final da aplicação destes filtros, vinte e oito matérias foram localizadas, lidas na íntegra e organizadas numa tabela contendo a data e a edição da

revista, o título da matéria e a ideia central apresentada. Desenvolveu-se uma análise de cada uma das matérias associadas aos analisadores. Foi possível confirmar a ideia de uma imagem negativa do uso de substâncias químicas no imaginário social. Destaca-se o fato de que as publicações sobre as celebridades em sua relação com as drogas ganham maior proeminência do que matérias sobre prevenção ou tratamento. As menções ao cigarro eletrônico expressavam tanto benefícios do uso por um viés de redução de danos, quanto os malefícios do uso e a possibilidade de desenvolvimento de novas adições. Todavia a completa inexistência de matérias sobre as diversas modalidades de tratamento e reabilitação do sujeito drogadicto, pode indicar, ainda que não exclusivamente, uma negligência deste importante veículo de informação.

**Palavras-chave:** Dependência química; Mídia; Adicção; Informação

---

**DROGADITION: WHAT DO WE READ IN THE MAGAZINE?**

---

**ABSTRACT**

The intention of this research is to present the evaluation of the profile of the information about drug addiction published in the VEJA Magazine, trying to understand the way of production of subjectivities in them. All VEJA magazines published in the last three years were analyzed, including the January 2016 to July 2019 editions. It was essential that the published article present information of any kind on drugs, drug addiction or studies involving illicit chemical substances. As for legal drugs, with the exception of articles on alcohol and tobacco, only studies that associated substances with a reality of dependence remained in the sample. At the end of the application of these filters, twenty-eight articles were located, read in full and organized in a table containing the date

and edition of the magazine, the title of the article, the central idea presented. An analysis of each of the analyzers and associated materials was developed. It was possible to confirm the idea of a negative image of the use of chemical substances in the social imagination. It is noteworthy the fact that publications about celebrities in their relationship with drugs gain greater prominence than articles on prevention or treatment. Mentions to the electronic cigarette expressed both benefits of use due to harm reduction bias, as well as the harm of use and the possibility of developing new addictions. However, the complete lack of material on the different treatment and rehabilitation modalities of the drug addict, may indicate, even if not exclusively, a neglect of this important information vehicle.

**Keywords:** Chemical dependency; Media; Addiction; Information.

---

<sup>1</sup>Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA – Laboratório de Estudos em Processos de Estigmatização– LEPE/ Linha de Pesquisas sobre Drogadição – LED. Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

(\*) e-mail: [ericahribeiro@yahoo.com.br](mailto:ericahribeiro@yahoo.com.br)

Data de recebimento: 30/06/2020. Aceito para publicação: 11/03/2021. Data da publicação: 14/04/2021

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado no contexto de formação em Psicologia dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA. A pesquisadora em questão, bem como os alunos pesquisadores voluntários, desenvolvem estudos na Linha de Pesquisa sobre Drogadição, do Laboratório de Estudos sobre Processos de Estigmatização (LEPE), associado ao CNPQ.

As mídias e suas formas de representação da realidade têm um relevante papel na construção social. No que diz respeito a drogadição, a sociedade desenvolve formas de leitura do referido fenômeno considerando o que se veicula enquanto informações e notícias sobre a temática. É nessa perspectiva que se faz necessário que as ciências humanas e sociais estabeleçam uma crítica acerca da representação midiática sobre os mais diversos estados de adoecimentos psicossociais uma vez que é neste contexto informacional que os profissionais atuarão (MELO, 2020).

Esta pesquisa objetivou identificar as matérias sobre drogadição publicadas numa revista de grande circulação nacional, a saber a Revista VEJA. A intenção era avaliar o perfil das informações veiculadas, tentando compreender a forma que este importante canal de produção de subjetividades tem representado em suas publicações o fenômeno da drogadição.

O termo drogadição, *addictu* do latim, é geralmente associado a quem não consegue abandonar um hábito nocivo, normalmente de álcool e drogas, por motivos fisiológicos ou psicológicos. No caso do consumo nocivo de drogas o corpo adapta-se à certa substância química, levando a um comportamento excessivo e insistente do uso de substâncias entorpecentes e/ou alucinógenas. Na dependência, dentre outros aspectos, identifica-se uma série de distúrbios físicos e psicológicos quando há interrupção do uso da droga. É correto afirmar, todavia, que o uso da droga nem sempre provoca um quadro de dependência, e que existe uma grande variedade de motivos que impulsionam a primeira experiência com a substância. (PILON E VASTERS (2011 APUD RIBEIRO-ANDRADE ET. AL. 2016).

Dados da ONU indicam que, atualmente, a maconha tem sido uma das drogas ilícitas mais consumidas no mundo, e a estimativa é que 158,8 milhões de pessoas, ou seja, 3,8% da população entre 15 e 64 anos, consuma drogas feitas com cannabis (maconha e haxixe).

No Brasil não é diferente, segundo o III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira da FIOCRUZ em 2017, 3,2% dos brasileiros usaram substâncias ilícitas, o que equivale a 4,9 milhões de pessoas, assim 7,7% dos brasileiros de 12 a 65 anos já as usaram ao menos uma vez na vida. Em segundo lugar, fica a cocaína em pó: 3,1% já consumiram a substância. Esta pesquisa ainda revela que aproximadamente 1,4 milhão de pessoas entre 12 e 65 anos relataram ter feito uso de crack e similares alguma vez na vida, o que corresponde a 0,9% da população de pesquisa, com um diferencial pronunciado entre homens (1,4%) e mulheres (0,4%).

Existe uma importante associação entre os estudos da Psicologia Social, da Comunicação e das mais variadas formas de Mídias. Trata-se da necessidade de discussão sobre os modos de comunicação e sobre a mídia como instrumento de mediação entre o conhecimento sobre as realidades e a sociedade em si. O entendimento essencial de reflexões deste gênero é a função da Psicologia Social enquanto analisadora das mediações sociais. A mídia é sem dúvidas umas destas mediações que precisam ser compreendidas, criticadas, para então serem potencializadas.

Ao estabelecer um contato social através da mídia, as revistas vinculam informações e conhecimentos que são produtores de subjetividades, como é caso das grandes revistas que circulam no país. A VEJA foi fundada em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e seu pai, Victor Civita, em pleno regime militar pouco antes do Ato Institucional nº 5 (AI-5), ser decretado. Os editores enfrentaram a censura e tiveram edições apreendidas, mas não se intimidaram a ponto de interromper as publicações impressas. Desde os anos 90, a revista VEJA tem atuado também na internet, tendo grande audiência até os dias de hoje.

A maneira de compreender um determinado fenômeno embasa a estrutura do agir social, gerando reações que podem variar desde a responsabilidade na transformação dos fenômenos até uma completa alienação. Os meios de comunicação são uma das ferramentas de intervenção e mobilização das massas sociais, podendo alterar significativamente os modos de vida e funcionamento social.

Este artigo está baseado na premissa de que uma revista, por exemplo, pode contribuir mais ou menos para a saúde pública ao selecionar suas temáticas e estabelecer uma forma específica de veicular as informações pertinentes. No que tange ao fenômeno da drogadição, qual o papel que a mídia tem desempenhado em sua função de informar a sociedade? No caso da VEJA, o que podemos inferir diante de uma breve análise das publicações afins? É nesta direção que o presente trabalho justifica seu esforço.

## 2. METODOLOGIA

Utilizou-se para um primeiro levantamento teórico autores que apresentam a questão das Representações sociais e meios de comunicação, além disso contou-se com experiências de pesquisas publicadas sobre dependência química, com um destaque para a pesquisa de Pedrosa *et. al* (2011) intitulada “Consumo de álcool entre estudantes universitários”.

O banco de dados para esta pesquisa envolveu todas as revistas VEJA publicadas nos últimos três anos, compreendendo as edições de janeiro de 2016 até julho de 2019. Além do critério de inclusão relativo à data de publicação, era fundamental que a matéria publicada apresentasse informações de qualquer tipo sobre drogas, drogadição ou estudos envolvendo substâncias químicas ilícitas. Incluiu-se nesta amostra também as matérias sobre o álcool e o tabaco mesmo sendo comercializadas licitamente no país, a exceção de notas de marketing para anúncios e vendas destas substâncias.

Quanto as matérias sobre outras drogas lícitas como as medicações farmacológicas, manteve-se na amostra os estudos que associavam as substâncias à uma realidade de dependência, excluindo desta forma, publicações que apresentavam os remédios em seus benefícios ou estudos com novas substâncias para cura de doenças. Este foi o caso de uma das matérias que tratava sobre novas intervenções medicamentosas no tratamento de transtornos como a Ansiedade e a Depressão. Foram excluídas desta amostra também matérias que falavam sobre facções criminosas e distribuição de drogas, mas não tinham uma tônica da saúde pública ou do comportamento dos sujeitos adictos, mantendo seu escopo na segurança pública.

Para avaliar as informações veiculadas nas matérias pertencentes a amostra desta pesquisa utilizou-se a metodologia da Análise de Conteúdo. Bardin (2011) compreende a análise de conteúdo como uma técnica que consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto (ou material audiovisual), de maneira a identificar a ocorrência de palavras/frases/temas considerados “chave”. A autora entende que qualquer comunicação de

um emissor para um receptor, seja escrito, verbal, visual, pode ser organizado em função de um método facilitando assim uma decifração do conteúdo ali apresentado. Desta forma, o termo análise de conteúdo designa:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

De acordo com Quivy e Campenhoudt (2005), são muitas as possibilidades de aplicação dos métodos da análise de conteúdo, podendo ser utilizados sob comunicações das mais variadas como: textos literários, programas de televisão ou rádio, filmes, mensagens não verbais, relatórios de entrevistas e revistas. Os autores explicam que a escolha dos termos utilizados por quem relata, a frequência dos relatos, bem como a maneira como a descrição destes relatos acontecem, todos estes aspectos, resultam no conteúdo do que se comunica e podem ser analisados como fontes de informações mediante as quais é possível enunciar um conhecimento mais amplo sobre determinado tema.

Ao utilizar-se da metodologia da análise de conteúdo, Mendes e Miskulin (2017) explica que esta ferramenta vai gerando ao longo do processo o que poder-se-ia chamar de “colcha de retalhos” com os dados que vão aparecendo na pesquisa. Esta metáfora dá-nos a entender a importância do trabalho costurar as informações obtidas a luz do objetivo de pesquisa, nisto consista a referida análise. Inicialmente ainda não parece possível prever que retalhos são estes que haverão de surgir, mas à medida que forem despontando na pesquisa, o investigador passa a atribuir sentidos que se assemelham nestes dados, formando assim os analisadores, ou seja, assuntos que se repetem dentro do tema estudado, recorrências de sentidos que podem ser agrupadas ampliando assim a compreensão do tema.

Como na pesquisa de Mendes e Miskulin (2017), esta primeira análise do material de pesquisa, a saber, as informações publicadas na revista VEJA, envolveu a utilização de regras como a regra da representatividade, a regra da homogeneidade e a regra de pertinência, todas enunciadas por (BARDIN, 1977/2011).

Algumas matérias poderiam ser registradas em mais de um analisador, todavia, optou-se por manter apenas um deles por maior relevância de correspondência ao analisador. Na teoria da análise de conteúdo bardiniana esta estratégia é conhecida como exclusão mútua, permitindo como resultado na presente pesquisa o total de oito analisadores conforme tabela abaixo.

Tabela 1: Analisadores enunciados. Fonte: Elaboração própria.

<b>Analisadores</b>	<b>Quantidade de vezes que se repetem</b>
Cigarro Eletrônico	3
Drogas e Celebidades	9
Perfil de Consumo	2
Prevenção das drogas	1

Estudos Sobre as Substâncias	7
Liberação das Drogas	2
Tabaco	1
Drogadição em Outros Países	2

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a aplicação dos filtros descritos na metodologia, vinte e oito matérias foram localizadas, lidas na íntegra e organizadas numa tabela contendo a data e a edição da revista, o título da matéria e a ideia central apresentada. As matérias foram agrupadas por temas comuns em função de uma análise de conteúdo gerando o que se chamou de analisadores. As temáticas recorrentes foram: Cigarro Eletrônico, Drogas e Celebidades, Perfil de Consumo, Imaginário Social sobre Drogas, Prevenção às Drogas, Estudos sobre as Substâncias, Drogadição em outros Países, Liberação das Drogas e Tabaco. A maior concentração de matérias deu-se nas temáticas Estudos sobre as substâncias e Drogas e Celebidades. Os dados obtidos estão organizados na tabela abaixo, e a seguir uma breve discussão acerca das informações encontradas.

Tabela 2: Matérias restantes após a aplicação dos filtros. Fonte: Elaboração própria.

<b>Data de publicação e edição</b>	<b>Título da matéria/nota</b>	<b>Ideia principal da matéria</b>	<b>Analisador</b>
30/11/2016, Edição 2506 – 2506 – ano 49 – n°48	Vapor Tóxico e viciante	Mesmo com a venda proibida no Brasil, o cigarro eletrônico é encontrado facilmente. Estudos mostram que ele faz mal – inclusive o que contém só essências aromatizantes.	CIGARRO ELETRÔNICO
24/02/2016, Edição 2466 – ano 49 – n°8	Mais Madonna do que nunca	A reportagem fala que a cantora Madona entrou com um processo contra o ex marido para ter o filho de volta. Na reportagem o menino aparece em foto fumando maconha. A cantora reprova o uso, e atribui ao pai a culpa por esta situação, afirmando que se trata de um	DROGAS E CELEBRIDADES

12/04/2016, Edição 2467 – ano 49 – nº9	“Não me consta que ele trafique drogas.”	excesso de liberdade. Emma Coronel, Mulher de Joaquín Guzmán Loera, El Chapo, mega traficante mexicano, diz não ter conhecimento que o marido trafique drogas.	DROGAS E CELEBRIDADES
12/04/2016, Edição 2467 – ano 49 – nº9	5,4 Bilhões de dólares movimentou a indústria da maconha recreativa e medicinal nos Estados Unidos em 2015.	A nota traz os números do consumo de maconha e os locais onde estão sendo comercializadas, apontando para um aumento.	PERFIL DO CONSUMO
13/04/2016, Edição 2473 – ano – 49 – nº15	“Não estava drogada, não estava bêbada. Foi emoção pura. Estou cansada de hipocrisia neste país.”	Esta fala é de Janaina Conceição Paschoal, jurista e política brasileira, filiada ao PSL e deputada do estado de São Paulo. É também professora da USP e advogada. Nesta fala ao site de VEJA SÃO PAULO, tenta justificar seu discurso “agitadíssimo”, que deu margem para que alguns acreditassem que ela estaria sob o efeito de drogas.	DROGAS E CELEBRIDADES
15/08/2018, Edição 2595 – ano 51 – nº 33	A oscilação adolescente	O artigo sinaliza a importância de falar com os jovens sobre as drogas e seus caminhos.	PREVENÇÃO ÀS DROGAS
01/08/2018, Edição 2593 – ano 51 – nº31	Foi-se a sobriedade	A matéria fala da cantora e atriz Demi Lovato que sofreu uma overdose depois de bastante tempo sóbria.	DROGAS E CELEBRIDADES
22/08/2018, Edição 2596 – ano 51 – nº34	Muito além do vinho	A matéria vem apresentando que o consumo de álcool pode reduzir o risco	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS

		de doenças como Diabetes e Alzheimer, porém apresenta ressalvas e acrescenta que o álcool vem provocando outros males indesejáveis.	
12/06/2019, Edição 2638 – ano 52 – n°24	Não tem fogo, mas vicia	A matéria mostra que os jovens brasileiros têm comprado em sites o novo modelo do cigarro eletrônico e aponta as preocupações do uso, sobretudo a possibilidade do desenvolvimento de uma compulsão ao uso.	CIGARRO ELETRÔNICO
19/06/2019, Edição 2639 – ano 52 – n° 25	Bem pior que videogame	A matéria aborda que os adolescentes brasileiros têm bebido cada vez mais cedo, e em muitos casos com o aval dos pais.	PERFIL DO CONSUMO
19/12/2018, Edição 2613 – ano 51 – n°51	Canabidiol na pele	A matéria apresenta como a substância maconha tem sido usada no tratamento de doenças graves e agora também compõe em produtos de beleza.	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS
10/04/2019, Edição 2629 – ano 52 – n°15	Baseado em evidências	A matéria traz o estudo completo sobre os efeitos da maconha e comprova que a droga faz muito mal ao cérebro dos adolescentes.	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS
24/10/2019, Edição 2605 – ano 51 – n° 43	Legalização em grande escala	Para desestimular o consumo de maconha entre adolescentes o governo canadense começa a regular a droga. A fiscalização rigorosa é um dos pontos fortes da	DROGADIÇÃO EM OUTROS PAÍSES

17/04/2019, Edição 2630 – ano 52 – n°16	Traficantes de elite	medida. A ascensão e a queda da bilionária família Sackler, acusada de provocar uma epidemia de viciados em um comprimido à base de morfina nos EUA.	DROGAS E CELEBRIDADES
22/05/2019, Edição 2635 – ano 52 – n°21	Milhares vão às ruas pela liberação da maconha e da balburdia nas universidades	A matéria fala da manifestação em mais de 200 cidades do país pedindo a liberação da maconha, destacando grandes movimentos nas universidades neste sentido.	LIBERAÇÃO DAS DROGAS
26/06/2019, Edição 2640 – ano 52 – n° 26	Precisamos falar sobre a maconha	A proposta aprovada pela Anvisa de legalizar o cultivo de cannabis sativa para fins medicinais precisa estar embasada em uma ampla discussão sobre os efeitos reais da planta para a saúde.	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS
03/07/2019, Edição 2641 – ano 52 – n° 27	Militar de carreira	Segundo sargento da aeronáutica flagrado na Espanha com 39 quilos de cocaína transforma viagem da comitiva de Jair Bolsonaro em um escândalo internacional.	DROGAS E CELEBRIDADES
07/07/2017, Edição 2533 – ano 50 – n°23	Sem fumaça, sem fogo	Depois de muita pesquisa, a Philip Morris, a líder mundial de tabaco, aposta num novo cigarro, supostamente menos nocivo do que o convencional.	TABACO
07/07/2017, Edição 2533 – ano 50 – n°23	O experimento uruguaio	Entre os resultados já visíveis de legalização da	LIBERAÇÃO DAS DROGAS

		maconha, pode-se constatar que os crimes do narcotráfico diminuíram um pouco, as apreensões aumentaram e um mercado paralelo surgiu.	
24/05/2017. Edição 2531 – ano 50 – n° 21	Maconha	A agência nacional de vigilância sanitária inseriu a erva no código oficial das plantas que podem ser usadas para fins terapêuticos.	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS
24/05/2017. Edição 2531 – ano 50 – n° 21	Drogas e psicodelia	A nota fala sobre o psicólogo de Harvard da década de 60, Timothy Leary, e o uso que fazia de LSD em seus experimentos para expansão da consciência	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS
21/12/2016, Edição 2509 – ano 49 – n° 51	Maconha na farmácia	O presidente uruguaio, que é médico, explica como está cumprindo a lei de regularização da droga e como quer escapar das amarras do Mercosul com um tratado comercial com a China.	DROGADIÇÃO EM OUTROS PAÍSES
08/03/2017, Edição 2520 – ano 50 – n° 10	Cannabis no quintal de casa	Cresce no Brasil o número de pequenos cultivos da planta da maconha com o objetivo de extrair o óleo usado para aplacar crises epiléticas.	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS
25/01/2017, Edição 2514 – ano 50 – n° 4	“A gente só vicia em coisas boas”	Walter Casagrande, ex-jogador de futebol e comentarista esportivo, ao abordar no site Glamurama, fala de sua	DROGAS E CELEBRIDADES

		dependência química e o modo como a enfrenta.	
04/05/2016, Edição 2476 – ano 49 – n°18	Os brasileiros deram conta	Um grupo francês inaugurou em São Paulo o maior espaço de eventos e convenções do país. Seu Jorge e Marisa fizeram seu primeiro show juntos no Brasil, e a exigência dos franceses é que não tivesse maconha nos bastidores.	DROGAS E CELEBRIDADES
11/05/2016, Edição 2477 – ano 49 – n°19	Cigarro eletrônico	Autoridades americanas proibiram a venda do produto para menores de 18 anos.	CIGARRO ELETRÔNICO
09/03/2016, Edição 2468 – ano 49 – n°10	Do Magnum 357 para Harvard	Fala de Roland Fryer um professor e arquiteto, que enquanto morava com sua avó teve alguns parentes presos por fabricar e distribuir crack.	DROGAS E CELEBRIDADES
30/04/2016, Edição 2471 – ano 49 – n°13	Iboga no combate as drogas	Estudo científico comprova a eficácia da ibiogaina no tratamento de dependentes químicos.	ESTUDOS SOBRE AS SUBSTÂNCIAS

A partir da leitura na íntegra das matérias que figuraram como resultado da aplicação da metodologia, foi possível identificar algumas tendências importantes para a compreensão do perfil destas publicações.

As matérias sobre o ‘Cigarro Eletrônico’ tinham em comum o fato de apresentarem esta nova modalidade para os então usuários de cigarro, sobretudo, os usuários de cigarro de tabaco que inevitavelmente apresentam significativos danos em sua saúde. Estas matérias apontam o cigarro eletrônico como uma outra alternativa considerando a possibilidade de redução de danos já instalada pela adicção. As matérias também apontam para uma realidade controversa, a saber o fato de que pesquisas tem revelado que o cigarro eletrônico pode desencadear também um comportamento adictivo perigoso ao sujeito, tal qual ocorre com outras adicções habituais, como no caso de dependência de jogos de vídeo game. Apesar de parecer inofensivo, entende-se que é possível desenvolver uma compulsão ao cigarro eletrônico com prejuízos importantes, dado que favoreceu a decisão das autoridades

americanas a restringirem a venda deste a sujeitos maiores de 18 anos.

As notas sobre ‘Drogas e Celebidades’, dizem respeito à notícias sobre pessoas importantes para a sociedade, normalmente artistas ou grandes empresários. Estas notícias se diferenciaram quanto ao seu conteúdo. Duas delas pareciam tão somente explorar o fato de que o artista em questão despertaria um grande número de receptores da notícia como os fãs, por exemplo. Nestas notas o fato era apresentado como uma novidade sobre o artista, um dado sobre a vida privada do mesmo, objetivando alcançar, infere-se, a curiosidade normal do público em saber como é a vida de uma celebridade. Outras duas matérias, também sobre celebridades, apresentam uma outra tendência e destacam claramente uma representação negativa que estas figuras sociais tem acerca das drogas. Isto parece de real importância, sobretudo se levarmos um conta o levantamento teórico que revelou o quanto a mídia é capaz de influenciar o pensamento social. Nestas duas matérias, ainda que pequenas, a revista trouxe declarações das celebridades que são contrárias ao uso ou a comercialização de drogas ilícitas. Diferente disto, ocorreu que em duas outras publicações envolvendo pessoas importantes para o meio público, revelou a posição não da celebridade quanto ao uso e comercialização da droga, mas a representação do público sobre isto. Foi o caso das matérias envolvendo a cantora Ana Carolina, o cantor Seu Jorge, a jurista Janaína Pascoal, o reconhecido professor Roland Fryer e até um funcionário da comitiva presidencial. Nestas notas fica clara uma representação social bastante negativa das adições e do comercio de drogas. Uma última matéria inclusa neste analisador foi intitulada de “A gente só vicia em coisa boa” e trouxe declaração paradoxas do ex jogador de futebol brasileiro Walter Casa Grande. Na referida matéria o jogador fala sobre sua dependência de drogas mas enfatiza também o glamour e o prazer que ela traz.

Nas matérias classificadas dentro do analisador ‘Perfil de Consumo’ foi possível identificar importantes informações sendo veiculadas sobre a drogadição no sentido de alertar a população acerca dos padrões de uso considerados perigosos a saúde pública. Abordam aspectos como o nocivo crescimento do comercio das drogas e a crescente redução de idade dos usuários de drogas, como sendo o perfil atual do uso de substâncias no Brasil.

Sob a nomeação do analisador ‘Estudos sobre as Substâncias’ identificou-se matérias que não falavam do perfil do uso de drogas, mas das substâncias em si. Informações importantes para a população quanto ao conhecimento acerca dos efeitos das substâncias, sendo estes negativos ou positivos. Destaca-se também neste analisador estudos recentes sobre certas substâncias que tem sido testada para uso durante o tratamento e desintoxicação na dependência química.

Duas matérias diziam respeito a ‘Liberação das Drogas’. Uma delas apresentava a experiência do Uruguai na liberação da maconha e outra apresentava o grande movimento social no Brasil para liberação da mesma substância. Falando também de outro país, nomeamos pelo analisador ‘Drogadição em outros Países’ uma única matéria que apresenta a experiência de outra nação na repressão do uso de drogas entre adolescentes enfatizando uma preocupação do país com o adoecimento por dependência química nesta faixa etária.

Dado que gerou nestes pesquisadores significativa preocupação, foi o fato de que o analisador ‘Tabaco’ e o analisador ‘Prevenção às Drogas’ envolveram cada um somente uma matéria publicada. Mesmo assim, decidiu-se por nomeá-los como analisadores em função da relação direta e fundamental destas matérias no âmbito da saúde pública. Pesquisas recentes têm revelado que o cigarro de tabaco mata mais pessoas no Brasil do que a maconha, fazendo desta substância um instrumento de “fazer morrer”, lenta e dolorosamente nos estágios finais.

A indagação aqui é sobre o fato de existir uma única matéria sobre o tabaco e seus males, num veículo de comunicação de grande significado para a população brasileira. Certamente manter a população alheia a níveis mais eficazes de informação, mantém o Brasil num quadro de prognóstico ainda pior para os próximos anos. Igualmente desalentador é o fato de haver apenas uma matéria apresentando formas de prevenção ao uso das drogas. Se acreditamos no papel educacional da mídia, não veicular a informação educativa sobre como prevenir as adicções é relegar a um segundo plano esta grande possibilidade dos meios de comunicação em geral, dentre elas a revista.

Noto *et al.* (2003) alertam, durante o levantamento teórico, uma imensa discrepância entre as publicações sobre drogas lícitas e as drogas ilícitas, o que de fato pôde ser confirmado durante a análise de conteúdo. Claramente as informações sobre a dependência causada pelo álcool, tabaco e psicofármacos, apresentaram-se em menor número. Todavia são as substâncias que no Brasil levam ao maior número de adictos, ou que iniciam a história adictiva que posteriormente leva os sujeitos a drogas ilícitas. Comparando esta realidade com os conteúdos encontrados na VEJA, a crítica é de uma presente incoerência.

Outro dado digno de destaque diz respeito ao número de publicações da VEJA ao longo dos 3 anos que figuravam na amostra. Ao todo foram cerca de 144 revistas publicadas neste período. Ocorre que neste universo o número de 28 publicações mostra-se inegavelmente insuficiente para manter a sociedade devidamente informada sobre um grande problema de saúde pública. Acrescente-se a este resultado que algumas destas publicações eram diminutas, ou seja, não eram matérias e sim “notas” com pequeno destaque no escopo da revista. Este dado está consoante ao que fora apresentado por Sanches *et al.* (2010 apud RIBEIRO-ANDRADE, BARRETO; CHAGAS, 2017) quando apresentam uma análise semelhante tendo como base de dados publicações científicas. Uma das conclusões do referido levantamento já apontava que o campo de informação a respeito da adicção é insuficiente, tendo sido encontrados naquela ocasião poucos trabalhos científicos que abordassem os fatores de proteção ao desesenvolvimento de dependências ou mesmo sobre os riscos envolvidos no uso de substâncias.

Os meios de comunicação têm exercido uma forte influência no meio político, social e financeiro, provocando na sociedade diversos costumes, distintas maneiras de agir e pensar. (ROSÁRIO; BAYER, 2014).

Simoneal e Oliveira (2014), apontam que as estratégias midiáticas, mesmo quando são de pequena configuração, em termos de tamanho objetivamente falando, servem para disseminar informações na sociedade. Afirmam que embora as mensagens dos meios de comunicação tendem a pretender-se neutras, são tomadas pelos leitores, na maior parte das vezes, já como um dado de realidade sobre o mundo, desta forma sendo quase que inevitável que tais informações não sejam evidenciadas de acordo com um propósito.

Nesse processo de manipulação pode ser evidenciada, principalmente atualmente, a mídia. Ela surge como um novo fenômeno que invade a todos, que arquiteta numa sociedade midiada, uma cultura midiática. A cultura da mídia vigente na sociedade se aspira dominante, estabelecendo formas e normas sociais, fazendo muitas pessoas enxergar o mundo por suas lentes, seus vieses. Utilizada como instrumento de manipulação a serviço de interesses particulares, reordena percepções, faz brotar novos modos de subjetividade, o que traz vantagens e/ou desvantagens, tanto no aspecto individual como no aspecto social. A mídia com todas as suas ferramentas, hoje detêm o poder de fazer crer e ver, gerando mudanças de atitudes e comportamentos, substituindo valores, modificando e influenciando contextos

sociais, grupos, constituindo os arquétipos do imaginário, criando sentidos simbólicos como árbitros de valores e verdades. O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria. Subliminarmente, por meio da televisão, das novelas, jornais e internet, é transmitido um discurso ideológico, criando modelos a serem seguidos e homogeneizando estilos de vida (GOMES; BARROS; 2014, p. 2)

Alguns teóricos defendem a existência da isenção de um noticiador. De acordo com Motta (2006), um ocorrido é relatado por um noticiador de forma isenta de julgamentos e pré-conceitos estabelecidos. Essa neutralidade é proposital, acredita o autor, pois seu discurso tem por finalidade colocá-lo em uma visão de “observador da realidade”. Todavia destaca que é intencional determinada maneira de se comunicar algo, ocorrendo a todo instante que os receptores geram outros sentidos ao que está sendo relatado, e que isto acontece independentemente de o noticiador considerar os resultados deste sentido.

Cierco (2003 apud RODRIGUES; CONCEIÇÃO; IUNES, 2015) afirmam que a imprensa realiza uma mediação ente a população e o ocorrido verídico. Através dessa comunicação produz os “pacotes de realidade”, estes podem nem estar sendo vivenciados pela sociedade de fato, mas são assimilados por meio da notícia. Este autores entendem que se o público alvo não fizer uma avaliação mais profunda destas notícias podem desenvolver representações bastante contraditórias sobre os fatos.

Um dos objetos específicos de estudo da Psicologia enquanto uma ciência do comportamento é justamente avaliar essa relação entre as pessoas e os meios de comunicação, analisando os modos de produção e as funções exercidas pela mídia sob a sociedade (SILVEIRA, 2004).

Para Macedo *et al.* (2014), a disponibilidade para a compra de substâncias psicoativas (SPAs) e as propagandas que estimulam este uso exibindo apenas o prazer que a droga propicia, consistem em condições de risco que podem levar o sujeito ao primeiro consumo bem como a repetição deste.

Numa pesquisa sobre dependência química, realizada com adolescentes, Matos *et al.* (2010) identificam que estes se consideram bem informados sobre as SPAs, e que destacam os meios de comunicação como a televisão, jornal, revistas e rádio, como sendo os maiores responsáveis por este quadro. As repostas apontam que existe um certo nível de persuasão e a atuação dos veículos de comunicação nos padrões de atitudes juvenil, mostrando a sua necessidade de medidas de controle, como o uso racional e educacional da mídia e um controle maior na propaganda de bebidas alcoólicas.

Um ano depois, outro artigo foi publicado como resultado de uma investigação realizada com 608 universitários e identificou que a prevalência de uso de álcool na vida foi de 90,4%. A grande maioria (94,9%) dos estudantes relatou ter visto publicidade sobre bebidas alcoólicas e 27,2% deles relataram ter consumido alguma bebida alcoólica por ter visto anunciada em alguma propaganda. Estes anúncios publicitários de bebidas alcoólicas foram vistos principalmente pelos estudantes universitários na televisão (94,6%) e jornais e/ou revistas (82,7%). As bebidas mais consumidas devido à publicidade foram cerveja (57,6%), combinados (40%) e champanhe (30,3%). (PEDROSA *et al.* 2011, p. 1612)

Segundo Noto *et al.* (2003), a população recebe, por meios de comunicação, informações divergentes sobre alguns aspectos, e o assunto sobre “drogas” abrange várias questões que vão muito além das questões de saúde, por exemplo, tráfico, delinquência, violência, aspectos morais, dentre outros.

Há uma notória irregularidade que diz respeito ao conjunto de informações sobre “drogas ilícitas” (maconha, cocaína, entre outras) em comparação às lícitas (álcool e tabaco). De um lado, a sociedade recebe informações sobre violências vinculadas ao uso de drogas ilícitas, em contrapartida as drogas lícitas são alvos de sofisticadas propagandas para incentivar o consumo. Nesse enquadramento, esses dois grupos de “drogas”, que são parecidas em muitos aspectos farmacológicos, são encarados de forma distinta pela opinião pública, gerando assim posturas totalmente incoerentes sob a ótica da saúde. (NOTO *et al.*, 2003).

#### 4. CONCLUSÕES

Destaca-se a recorrência das matérias sobre o cigarro eletrônico, figurando ao mesmo tempo como um meio de redução de danos a drogadição, e a formação de uma nova compulsão pelo uso do objeto. Nota-se exclamativamente também que apenas uma matéria sobre prevenção à dependência química, bem como notas sobre os males do uso nocivo do tabaco, fora publicada neste período.

Foi possível perceber que as publicações sobre as celebridades em sua relação com as drogas ganham maior proeminência do que matérias sobre prevenção ou tratamento. Este dado pode apontar para a necessidade de uma reavaliação por parte dos editores acerca de sua implicação e responsabilidade social. Todavia, não explorar suficientemente, à benefício da saúde pública, a grande circulação da revista, pode ser um aspecto de vulnerabilidade no que tange ao papel desta empresa para a sociedade.

Infere-se que os estudos sobre as substâncias bem como as matérias sobre o perfil do uso e seus malefícios podem servir como estímulos adversos ao uso de drogas, tendendo a contribuir à prevenção. Todavia a completa inexistência de matérias sobre as diversas modalidades de tratamento e reabilitação do sujeito drogadicto, pode indicar, ainda que não exclusivamente, uma negligência deste importante veículo de informação.

Quanto a metodologia aplicada fica claro a necessidade de expandir o critério temporal para uma nova pesquisa, bem como uma análise mais profunda dos discursos produzidos nas publicações, o que seria aderente as metodologias da Análise do Discurso.

Por fim, sugere-se que outros quadros sejam descritos e problematizados no que diz respeito a veiculação do fenômeno da drogadição nos meios de comunicação. Em tempos de avanços diários das tecnologias de comunicação, estudos sobre o conteúdo e o discurso veiculado nas mídias virtuais, mostram-se necessários.

Ao longo da pesquisa, ocorreu a indagação sobre como tem se dado a conscientização dos profissionais da área de comunicação e jornalismo enquanto sua função social, indicando assim a demanda de investigações afins.

## 5. REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 6. ed. Portugal: Almedina., 2011. 47p
- GOMES, E. F., BARROS, S.E.O. Impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade. In: XV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL,447, Maceió, **Anais**. 2014. p.2.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17- 44.
- MACEDO, J. Q. et al., Concepções e vivências de estudantes quanto ao envolvimento com substâncias psicoativas em uma escola pública de Ribeirão Preto. **Ciencia y enfermeria.**, v. 20, n. 3, p. 97-107, dez. 2014.
- MATOS, A. M. et.al, Consumo frequente de bebidas alcóolicas por adolescentes escolares: estudo de fatores associados. **Revista Brasileira Epidemiologia**. v.13 n. 2 p. 302-313, jun. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v13n2/12.pdf>.
- MELO, R. F. B. DE; BRITO, R. R. C. DE; RIBEIRO-ANDRADE , ÉRICA H. Subjetividade e produção midiática sobre drogadição . **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 10, n. 28, p. 39-40, 16 set. 2020.
- MENDES, R.M.; MISKULIN, R.G.S. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa** v.47 n.165 p.1044-1066 jul./set. 2017 . Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v47n165/1980-5314-cp-47-165-01044.pdf>
- MOREIRA, J. O. Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na subjetividade. **Psicologia para América Latina**, n. 20, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2010000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009)
- MOTTA, L. G. Notícias do fantástico: jogos de linguagem e efeitos de sentido na comunicação jornalística. **Verso e Reverso Revista da Comunicação** v. 19, n. 42, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/7282>
- NOTO, A. R. et al. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. **Caderno Saúde Pública**, v. 19, n. 1, p. 69-79, fev. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v19n1/14906.pdf>
- PEDROSA, A.A. da S. et al. Consumo de álcool entre estudantes universitários. **Caderno Saúde Pública**, v. 27, n. 8, p. 1611-1621, Ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v27n8/16.pdf>
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L.V. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. 4. ed. Lisboa: Gradativa, 2005. 276p.
- RIBEIRO-ANDRADE, E.H.; BARRETO, M.F.T.B; CHAGAS, V.S. Por um sorriso sem Drogas: a realidade da rede de apoio em Campos dos Goytacazes. **Perspectivas Online: Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 7, n. 19, p. 54-64, 2017. Disponível em: [https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/1178/877](https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1178/877)

RIBEIRO-ANDRADE, E.H.; BARRETO, M.F.T.B; MOTA, M.L.;TERRA, M.L.G. Dependência química e gênero: uma leitura da experiência feminina na drogadição. **Perspectivas Online: Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 16, n.06, p. 69-76, 2016. Disponível em: [https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas\\_sociais\\_e\\_aplicadas/article/view/1044/797](https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/1044/797).

RODRIGUES, D.R.S.R; CONCEIÇÃO, M.I.G; IUNES, A.L.S. Representações Sociais do Crack na Mídia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.31, n. 1; p. 115-123, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n1/0102-3772-ptp-31-01-0115.pdf>

ROSÁRIO, R. BAYER, D.A. (2014) **A formação de uma sociedade do medo através de uma influência da mídia**. Matéria publicada na Home Page Justificando, Sexta-feira, 12 de dezembro de 2014. Link <http://www.justificando.com/2014/12/12/a-formacao-de-uma-sociedade-do-medo-atraves-da-influencia-da-midia>

SILVEIRA, M. D. P. Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. **Psicologia Ciência Profissão**, v. 24, n. 4, p. 42-51, Dez.2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n4/v24n4a06.pdf>

SIMONEAU, A. S., OLIVEIRA, D. C. Representações sociais e meios de comunicação: Produção do conhecimento científico em periódicos brasileiros. **Psicologia e Saber Social** página v. 3, n. 2, p.281-300, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/316493533/Representacoes-sociais-e-meios-de-comunicacao-producao-do-conhecimento-cientifico-em-periodicos-brasileiros>

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes. 2007. 432p.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2466, ano 49, nº8, 24/02/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2467, ano 49, nº9, 12/04/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2468, ano 49, nº10, 09/03/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2471, ano 49, nº 13, 30/04/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2473, ano 49, nº15, 13/04/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2476, ano 49, nº18, 04/05/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2477, ano 49, nº19, 11/05/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2506, ano 49, nº48, 30/11/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2509, ano 49, nº 51,21/12/2016.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2514, ano 50, nº 4, 25/01/2017.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2520, ano 50, nº 10,08/03/2017.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2531, ano 50, nº 21,24/05/2017.

VEJA. São Paulo: Abril, edição 2533, ano 50, nº23,07/07/2017.

- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2593, ano 51, nº31, 01/08/2018.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2595, ano 51, nº 33,15/08/2018.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2596, ano 51, nº34,22/08/2018.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2605, ano 51, nº 43,24/10/2019.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2613, ano 51, nº51,19/12/2018.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2629, ano 52, nº15,10/04/2019.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2630, ano 52, nº16,17/04/2019.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2635, ano 52, nº21,22/05/2019.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2638, ano 52, nº24,12/06/2019.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2639, ano 52, nº 25,19/06/2019.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2640, ano 52, nº 26,26/06/2019.
- VEJA. São Paulo: Abril, edição 2641, ano 52, nº 27,03/07/2019.